

Artigos

A criança em relação com a arte: um estudo na Rivista Infanzia

The child in relation to art: a study at Rivista Infanzia

El niño en relación con el arte: un estudio en Rivista Infanzia

Bianca Salazar Guizzo  

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

E-mail: bianca.guizzo@gmail.com

Kelly Juliana da Silva Trennepohl  

Secretaria Municipal de Educação, São Leopoldo, RS, Brasil

E-mail: kellytrennepohl@gmail.com

Lucia Balduzzi 

Universidade de Bolonha, Bolonha, Itália

E-mail: lucia.balduzzi2@unibo.it

<https://www.unibo.it/sitoweb/lucia.balduzzi2/en>

Resumo: Este artigo se insere no campo teórico dos Estudos Culturais em Educação e tem como principal objetivo problematizar a maneira como se incentiva a relação de crianças que freqüentam a Educação Infantil com a arte na *Rivista Infanzia*. O material empírico constitui-se de oito exemplares impressos, publicados entre 2016 e 2017, da *Rivista Infanzia*. As análises evidenciaram que a *Rivista Infanzia* incentiva o investimento na proposição de uma aprendizagem mediada pela arte na Educação Infantil favorecendo a formação de sujeitos mais sensíveis às diferentes linguagens artísticas e que conheçam e zelem pelo patrimônio cultural.

Palavras-Chave: infância; arte; Estudos Culturais; *Rivista Infanzia*.

Abstract: *This article is part of the theoretical field of Cultural Studies in Education and the main objective is to problematize the way in which the relationship between*

children who attend Kindergarten and art is encouraged at Rivista Infanzia. The empirical material consists of eight printed copies, published between 2016 and 2017, of Rivista Infanzia. The analyzes showed that Rivista Infanzia encourages investment in proposing a learning mediated by art in Early Childhood Education, favoring the formation of subjects who are more sensitive to different artistic languages and who know and care for cultural heritage.

Keywords: *childhood; art; Cultural Studies; Rivista Infanzia.*

Resumen: *Este artículo se enmarca en el campo teórico de los Estudios Culturales en Educación y tiene como objetivo principal problematizar la forma en que se fomenta la relación entre los niños vinculados a la Educación Infantil y el arte en Rivista Infanzia. El material empírico escogido para el análisis consta de ocho ejemplares impresos, publicados entre 2016 y 2017. Los análisis mostraron que Rivista Infanzia incentiva la inversión en proponer un aprendizaje mediado por el arte en la Educación Infantil, favoreciendo la formación de sujetos más sensibles a los diferentes lenguajes artísticos y que conocen y cuidan el patrimonio cultural.*

Palabras-Clave: *niñez; arte; Estudios Culturales; Rivista Infanzia.*

Introdução

Este artigo se insere no campo teórico dos Estudos Culturais e tem como principal objetivo analisar as representações de crianças e infâncias acionadas na *Rivista Infanzia*, destinada a docentes de Educação Infantil. O material empírico escolhido para análise constitui-se de oito exemplares impressos da *Rivista Infanzia*, produzidos pela Universidade de Bolonha e publicados entre os anos de 2016 e 2017. Tal revista será descrita em seção posterior, a fim de situar melhor o leitor sobre o modo como ela é constituída.

Com o propósito de entender como a revista apresenta e representa as crianças e as infâncias de modo a convergir com o que tem sido pensado sobre Educação Infantil no Brasil, as análises concentraram-se nos textos e nas imagens que compõem os exemplares, buscando problematizar, especialmente, a maneira como se incentiva a relação de crianças contemporâneas com a arte.

Para dar conta desse propósito, o artigo está subdividido em quatro seções. Nas duas primeiras, busca-se traçar os caminhos teórico-metodológicos adotados. Para tanto, na primeira seção realizamos uma descrição da revista analisada. Na segunda, des-

crevemos, a partir do referencial teórico adotado, as ferramentas conceituais a partir dos quais as revistas foram analisadas. Na terceira, empreendemos as análises tendo como principal eixo de discussão as relações que os materiais publicados na *Rivista Infanzia* incentivam a ser estabelecidas entre as crianças e o campo da arte. Por fim, na última seção, realizamos algumas considerações finais.

Algumas informações sobre a *Rivista Infanzia*

Neste artigo, foram alvo de análise oito exemplares da *Rivista Infanzia* publicados nos anos de 2016 e 2017, pois foram números em que houve um número significativo de matérias, artigos e reportagens cujo enfoque principal direcionou-se à relação entre infância e arte contemporânea. O italiano é o idioma principal utilizado nas matérias que veicula. A Revista nasceu em 1973 e foi fundada por Piero Bertolini, o qual foi professor e reitor na Faculdade de Magistério (hoje Faculdade de Ciências da Educação) da Universidade de Bolonha. O fundador da revista também foi presidente da Sociedade Italiana de Pedagogia (SIPED). Mesmo que seja uma revista publicada no âmbito acadêmico, é endereçada a estudantes em formação e a profissionais que atuam na educação infantil. Justamente por isso, além do caráter teórico, ela tem um caráter prático que visa promover a reflexão de docentes sobre o que propõe no cotidiano junto às crianças.

Ao analisar o conteúdo das revistas, ficou evidente o significado da figura de Piero Bertolini para marcar a identidade da revista. Seu empenho em afirmar a pedagogia como ciência que se respalda no rigor metodológico e no diálogo entre a pesquisa teórica e a prática pedagógica é assumido como objetivo da revista.

A *Rivista Infanzia* é uma revista acadêmica, embora não possua um caráter do estilo mais comercial, com forte apelo de propagandas, por exemplo. Mesmo assim, ela não pode ser isentada, como operadora de uma Pedagogia Cultural, dos efeitos que produz naqueles que a ela têm acesso. Cabe referir que ela é endereçada a professores(as), coordenadores(as) pedagógicos, estudantes, pesquisadores(as), gestores(as) de escolas e consultores(as) que trabalham no campo da educação, avaliação e pesquisa social relacionada à infância de zero a seis anos.

No site da revista, mais especificamente na seção *Quem somos – a revista*, ela é descrita como uma revista científica. As revistas científicas podem ser consideradas uma imprensa pedagógica, tomada como uma leitura autorizada.

A *Rivista Infanzia* apresenta normalmente cinco seções: “Editorial” – escrito normalmente por Roberto Farné, um dos editores, apresentando o tema central da revista; “Foco” – trazendo artigos que tratam do tema anunciado na capa, investigado

sob diferentes pontos de vista; “Argumentos” – trazendo artigos de reflexão científica, crítica e pedagógica sobre Educação Infantil, organização e gestão, políticas e cultura da infância; “Experiências” – trazendo relatos de experiências educacionais e didáticas em jardins de infância e creches, além de descrições de projetos educacionais; e “Observatório” – trazendo ensaios sobre diferentes tópicos da cultura e da educação das crianças (literatura, iconografia, mídia, resenhas de livros). Para as análises realizadas neste artigo, foram considerados imagens e textos decorrentes de todas as seções da revista.

Ferramentas teórico-conceituais

A partir do campo dos Estudos Culturais, neste estudo os conceitos de Pedagogias Culturais, Representação e Identidade foram utilizados como ferramentas conceituais que auxiliaram a empreender as análises da *Rivista Infanzia*. Sendo assim, a seguir traçamos algumas considerações sobre cada um deles.

O conceito de Pedagogias Culturais nasce do entrelaçamento da pedagogia com a cultura. Ele traz o entendimento de que diferentes lugares e artefatos desempenham um papel pedagógico, pois educam em alguma medida. A escola nessa perspectiva já não é mais considerada o único lugar em que os sujeitos aprendem, embora ela seja ainda o espaço formal para isso.

Autores como Trend (1992), Giroux (1994), Steinberg e Kincheloe (2001) foram extremamente importantes para inaugurar as discussões sobre pedagogias culturais e o seu uso nas pesquisas vinculadas ao campo dos Estudos Culturais. Trend (1992), em seu livro “Cultural Pedagogy: arts, education, politics”, faz uso pela primeira vez do termo. No artigo “Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos”, as autoras Andrade e Costa (2015), fazendo um levantamento sobre o termo, relatam que:

Nessa obra, Trend traz à discussão diferentes argumentos para mostrar que, a partir da centralidade da cultura e do que entende como expansão da pedagogia para diferentes espaços, a relação entre arte e política adquire novas matizes. (Andrade;Costa, 2015, p. 10).

Giroux (1994), inspirado na teoria crítica, buscou relacionar cultura com pedagogia crítica e produziu uma série de análises de filmes e desenhos da Disney. Argumenta que, ao mesmo tempo em que somos sujeitados pelas representações acionadas nos filmes, também podemos ampliar nossas interpretações sobre elas.

Steinberg e Kincheloe (2001), no livro “Cultura Infantil: a construção corporativa da infância”, usam o conceito de pedagogias culturais para tratar sobre infância e consumo, trazendo problematizações sobre os mecanismos usados pela mídia para seduzir as crianças ao consumo de determinados produtos. De acordo com Camozzato (2014, p. 574), o uso do conceito de pedagogia cultural “[...] vem sendo cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos”.

Andrade e Costa (2015), ao identificarem diferentes formas de usar o conceito de Pedagogias Culturais para investigações na Educação, afirmam a potencialidade desse conceito para novos modos de ver e pensar a pedagogia e perceber que outras instâncias também nos educam e contribuem para nos fazer ser quem somos.

Ao propor uma discussão a respeito das representações de infância utilizando a *Rivista Infanzia* como material empírico, torna-se possível identificá-la como um artefato cultural repleto de significados e representações que servem de inspiração para alguns professores.

As representações de crianças e infâncias, bem como as condições e situações em que estas convivem, brincam, participam, exploram, expressam-se e conhecem-se, apresentadas na *Rivista Infanzia* compõem o que Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57) denominam de currículo cultural, uma vez que essas visões particulares propagadas pela revista entram em circulação e educam. Os autores definem currículo cultural como um conjunto de representações que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação.

Para os Estudos Culturais a forma de significar as coisas não é fixa nem fruto de uma essência. Tomando representação, de acordo com Hall (1997, p. 2), como meio de atribuir sentido através da linguagem e na linguagem, esta pode sofrer modificações no tempo histórico e em contextos culturais diferentes.

O modo como as crianças e as infâncias são representadas também sofre modificações ao longo do tempo e de acordo com o contexto em que estão sendo analisadas. É nesse sentido que o conceito de representação auxilia a perceber o material de análise como produto de uma discursividade singular, situada e fruto de determinadas racionalidades que correspondem a um projeto que é passível de mudanças.

A linguagem permite criar um conjunto de práticas narrativas que produzem significados e “[...] é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos [...]” (Woodward, 2000, p. 17).

A representação engloba uma série de linguagens, como fotos, vídeos e produções escritas, para dar significado aos objetos, às pessoas, aos papéis sociais, aos modos

de ser e estar no mundo, ou seja, utiliza-se de múltiplas linguagens para construir o que significa ser criança e o que é a infância. “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas.” (Hall, 1997, p. 1). Para um signo produzir sentido, faz-se necessário que haja uma identificação por parte do receptor, que o traduz em um significante – algo que faz sentido em seu contexto.

Em suma, é possível afirmar que a representação no âmbito deste artigo é entendida como a forma com que os variados grupos sociais e culturais simbolizam, significam e apresentam o que é ser criança. No caso do material empírico aqui utilizado – os artigos, fotos, relatos de experiência, propagandas vinculadas pela *Rivista Infanzia* – fabricam e reforçam determinadas representações que podem produzir efeitos na constituição identitária dos sujeitos infantis.

A terceira ferramenta conceitual aqui utilizada é o conceito de identidade que é compreendida como as posições que ocupamos para dizer quem somos e quem o outro é. Se uma pessoa se reconhece como estudiosa, disponível, amável, criativa, para dizer que tipo de professora eu sou, é porque existe um outro que é o oposto disso, pois, de acordo com Hall (2000, p. 110), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”.

Para Silva (2000, p. 76), identidade e diferença estão interligadas e possuem uma característica em comum: são produzidas por atos de criação linguística. Elas não são elementos da natureza ou frutos de uma essência; precisam ser constantemente produzidas. Somos nós que produzimos a identidade e a diferença através de artefatos como a *Rivista Infanzia*, por exemplo, ou seja, elas são criações culturais e sociais, como explicita o autor.

Silva (2000, p. 81) também enfatiza que “[...] a identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder.” Isso significa dizer que diferentes grupos estão implicados em relações de poder para determinar o que é ser criança e para validar seus discursos em relação à infância e tantos outros pontos demarcando fronteiras.

Ainda de acordo com Hall (1997), as posições de sujeitos que ocupamos – por exemplo, um professor mais centralizador, que dirige mais o processo educativo, ou um professor que observa e segue mais o ritmo das crianças – são construídas por uma série de discursos da cultura e pelo nosso desejo de corresponder aos apelos feitos. Segundo o autor, “Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.” (Hall, 1997).

O conceito de identidade se entrelaça ao conceito de representação na medida em que as formas de representar docentes, crianças, infâncias e Educação Infantil fornecem elementos que vão se sedimentando ao longo do tempo e formando o que chamamos de identidade.

Através dos sistemas de representação usados em nossa cultura e em outras a que acabamos tendo acesso, vamos aos poucos construindo os tipos de infâncias e educação que queremos para o contexto brasileiro.

Pesquisadoras como Almeida (2019) e Severo (2018) também utilizaram os conceitos de identidade e representação para analisar as representações de criança e infância acionadas em diferentes artefatos. Almeida (2019, p. 42) relata que:

Modos de vidas, diferentes histórias, em nível global, geram impacto nos modos de viver e de comportar-se das pessoas, incluindo-se as crianças. Hall (1997) explica que o efeito da compressão espaço/tempo dissemina produtos culturais estandardizados, apagando particularidades e diferenças locais, o que produz uma cultura mundial, homogeneizada/ocidentalizada (Almeida, 2019, p. 42).

Na mesma direção, Severo (2018, p. 41) argumenta que:

As análises iniciais vêm mostrando como o site Catraquinha opera na construção das identidades infantis pelo modo como representa o que é ser criança e o que é compreendido por infância neste artefato. As identidades infantis são construídas a partir de sistemas de significação que estão postos em evidência e sendo representadas neste espaço, não apenas sendo a realidade, mas também se tornando a própria realidade. A Identidade não pode ser considerada como estável, fixa e imutável, pois cada sujeito assume diferentes identidades em momentos distintos, definidos histórica e socialmente (Severo, 2018, p. 41).

Essas afirmações nos fazem pensar na quantidade de conteúdos pedagógicos utilizados pelas escolas italianas que têm sido consumidos no Brasil e no mundo. Através das mídias e das facilidades em adquirir publicações internacionais, acabamos interagindo com o modo italiano de viver e propor a Educação Infantil, trazendo para o nosso convívio suas racionalidades culturais que entram em diálogo com o nosso modo de pensar a infância e a educação para as crianças de zero a cinco anos, resultando em uma terceira forma que abarca elementos dos dois contextos e reverbera nas identidades das crianças contemporâneas.

A criança em relação com a arte

Nas edições analisadas aparecem fotografias de crianças interagindo com materiais artísticos e com seus pares em meio à natureza, museus ou espaços em que estão sendo realizadas propostas de instalações ou dinâmicas com música e teatro. O espaço físico da escola ou da sala das crianças é raramente exibido, aparecendo mais quando o foco é a questão da arquitetura. Essas imagens se relacionam com o fato de a *Rivista Infanzia* incentivar uma educação ao ar livre mediada pelo contato com a natureza e as linguagens artísticas. São recorrentes na revista imagens de obras de arte como pinturas, esculturas e instalações, bem como ilustrações de obras literárias e fotos de espaços urbanos, sendo eles sempre associados à arquitetura e à natureza. Conforme percebemos nas imagens abaixo:

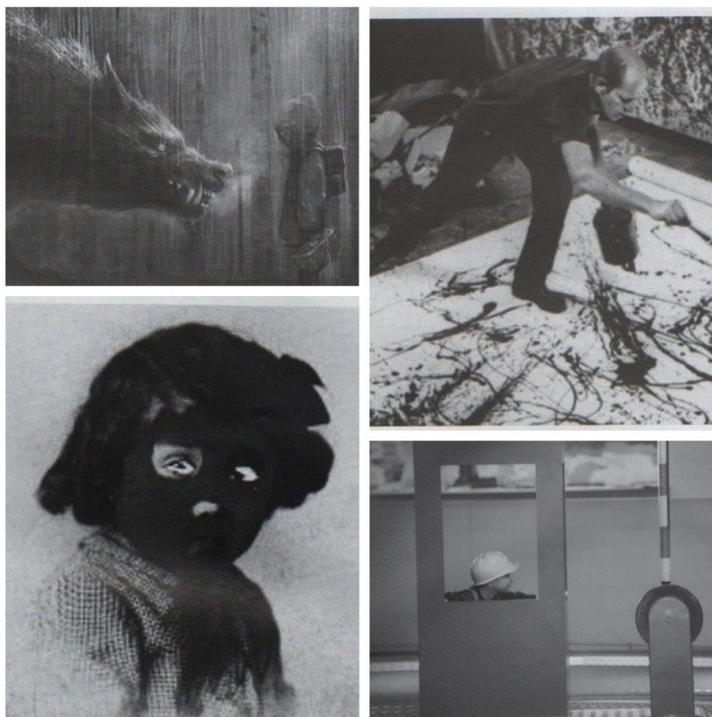


Figura 1 – Imagens de arte na *Rivista Infanzia*

(em sentido horário: imagem 1 – p. 115, n. 2/2016; imagem 2 – p. 188, n. 3/2017;
imagem 3 – p. 202, n. 3/2016; imagem 4 – p. 289, n.4/2017)

Fonte: Imagens escaneadas do acervo pessoal das autoras, 2020.

Sobre o uso de imagens em revistas e outros recursos midiáticos, Kellner (1995) indica um caráter simbólico e persuasivo das imagens que colabora na associação do que é veiculado nas revistas com certas qualidades socialmente desejáveis. Nesse caso, as imagens presentes na *Rivista Infanzia* indicam como desejável para a infância que a criança tenha contato com linguagens artísticas diversas. Posteriormente, analisando os temas que compõem os artigos e relacionando-os com as características das imagens,

foi possível perceber a recorrência do tema da arte associado a questões de estética, de múltiplas linguagens artísticas e de experiências que envolvem diferentes sensações. Com base em tal constatação, fomos selecionando alguns artigos que abordavam a questão da arte. Não nos detivemos a todos por se tratar de um número considerável e por entender que os artigos não se esgotam no tema da arte, contemplando-se também outros eixos analíticos.

Para ilustrar melhor como a revista vem convocando seus leitores a promoverem uma educação pela arte, apresentamos alguns excertos e imagens de artigos que confirmam o desejo de despertar no leitor a adesão de uma educação para o belo. Alguns artigos trazem situações em que as crianças estão em exposições fora da escola, em museus e espaços diversos da cidade, incentivando uma educação que dialoga com o território, construindo uma representação de criança que tem acesso, através da escola, a obras de arte, ao teatro e a outras linguagens que dialogam com sua maneira de aprender, como podemos observar nas imagens a seguir:



Figura 2 – Crianças em contato com a arte fora da escola (em sentido horário: imagem 1 – p. 343, n. 4/2017; imagem 2 – p. 233, n. 3/2017; imagem 3 – p.193, n. 3/2017).

Fonte: Imagens escaneadas do acervo pessoal das autoras, 2020.

Desse modo, a criança que interage com a arte vai de certa forma se materializando através das práticas pedagógicas resultantes da educação oferecida pela revista aos seus leitores. Essas formas de representar as crianças nas imagens vão incidindo

nas identidades infantis, conforme nos aponta Woodward (2000, p. 8): “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Destacamos aqui os artigos “Esperienze artistiche nella prima infanzia: uno sguardo su contesti, professionalità e strategie didattiche”¹ (Russo, 2017, p. 338) e “Bambini e famiglie al museo: percorsi educativi tra scuola ed extrascuola”² (Russo, 2016, p. 203), que trazem o tema da arte como patrimônio cultural a ser oferecido para a criança. Os artigos reiteram a necessidade urgente de tornar o patrimônio cultural parte integrante da vida de todos os cidadãos desde a mais tenra idade. Segundo a visão de Stephanou (2014 apud Lima, 2015, p. 275), patrimônio, “[...] (re)conhecido em sentido lato e em sentido estrito, é concebido não apenas como patrimônio edificado, mas como produção histórico-cultural, tangível e intangível, mediação singular às proposições apresentadas”. O museu em parceria com as escolas é visto como uma abertura para o exterior, para o território, para o patrimônio cultural e social, como podemos ver no excerto abaixo:

Coltivare la partecipazione dei bambini, fin da poccolissimi, ad esperienze di patrimonio, significa educarli a prendersi cura del bene culturale in tutte le sue forme, acquisire la consapevolezza verso il patrimonio, costruire conoscenze disciplinari, competenze storiche e scientifiche, di pensiero visivo ed estetico, nonché lo sviluppo di un rapporto di confidenza con il museo come istituzione³. (Russo, 2016, p. 203).

Os artigos que mencionam o patrimônio cultural falam sobre desenvolver um sentimento de pertencimento, valorizando uma identidade nacional, bem como abordam a importância de incluir as representações culturais de pessoas estrangeiras. Podemos perceber que essas questões não foram bem exploradas nos exemplares que analisamos; é mencionado que são considerados como patrimônio os bens materiais e imateriais, porém não fica claro de que patrimônios culturais se fala. Consideramos importante que essas questões sejam debatidas, pois “A produção do patrimônio cultural não é uma operação inocente e a determinação dos bens culturais e de seu valor patrimonial se inscreve em um jogo político e histórico” (Gil; Werle, 2016, p. 700). O artigo

1 Experiências artísticas na primeira infância: um olhar sobre contextos, profissionalismo e estratégias didáticas (tradução nossa).

2 Crianças e famílias no museu: caminhos educacionais entre a escola e depois da escola” (tradução nossa).

3 Cultivar a participação de crianças, desde tenra idade, em experiências patrimoniais, significa educá-las a cuidar do patrimônio cultural em todas as suas formas, adquirindo consciência do patrimônio, construindo conhecimento disciplinar, habilidades disciplinares, históricas e científicas e pensamento visual e estético, além de desenvolver a confiança no museu como instituição (tradução nossa).

mostra ao leitor que o museu, nessa perspectiva, precisa se adequar ao perfil da criança, que representa o seu público em potencial, oferecendo uma participação sensorial e ativa. Nesse sentido, traz a informação de que os museus infantis nasceram inspirados em teorias educacionais como as de Dewey, Montessori e Piaget. Baseado nessa afirmação, as exposições precisam ser pensadas em condições ideais para envolver os pequenos visitantes de forma que possam tocar e explorar, pela experiência direta, o que normalmente está exposto em vitrines, tanto que nas revistas analisadas são recorrentes as imagens de crianças visitando museus que possibilitam a interação dos sujeitos infantis com as obras expostas nestes espaços.

A revista vale-se dos discursos de educadores clássicos para legitimar a ida das crianças aos museus e reiterar, mais uma vez, que as crianças aprendem fazendo, através das experiências diretas. O contato com instalação promove a aprendizagem autônoma da criança em um ambiente relacional e planejado com intencionalidade pelos educadores culturais. A programação precisa levar em conta algumas especificidades da criança que são também destacadas nos artigos que se referem ao trabalho da escola, como as descritas no excerto abaixo:

Le esperienze didattiche non devono prevedere itinerari troppo lunghi e impegnativi per non stancare i piccoli visitatori; inoltre è necessario non fornire un numero eccessivo di informazioni ma sollecitarli ad avvicinarsi agli oggetti in modo curioso, rispondere alle loro interrogativi rassicurandoli sul fatto che non esistono risposte giuste o sbagliate, ma soltanto il desiderio di conoscere e sperimentare⁴. (Russo, 2016, p. 203).

É importante aqui mencionar a figura do educador cultural, que é a pessoa responsável por pensar as exposições e fazer a mediação entre a criança e as obras. A formação do educador cultural também é assunto dos artigos mencionados, destacando “Indicações nacionais para o currículo da escola da infância e do primeiro ciclo de instrução” (Itália, 2012) como ferramenta indispensável na formação desses educadores. Do mesmo modo, a revista também frisa sobre a formação generalista dos professores, incentivando que busquem formações na área das artes. Entendemos que assim a *Rivista Infanzia* convoca seus leitores a buscarem parcerias com instituições diferentes da escola que também se prestam a educar as crianças. Sendo assim, o museu opera aqui como uma pedagogia cultural que oferta experiências muito semelhantes às da escola,

⁴ As experiências didáticas não devem incluir itinerários muito longos e exigentes para não cansar os pequenos visitantes; além disso, é necessário não fornecer uma quantidade excessiva de informações, mas exortá-los a abordar os objetos de maneira curiosa, a responder suas perguntas, assegurando-lhes que não há respostas certas ou erradas, mas apenas o desejo de conhecer e experimentar (tradução nossa).

com vista a contribuir para uma educação patrimonial que pode ser entendida como “[...] uma ação educativa voltada para a valorização e preservação do patrimônio” (Costa, 2016, p. 48). Sobre essas relações educativas, é importante salientar que:

Os processos educativos nos produzem, nos constituem, de modo que, independentemente de uma maior ou menor intencionalidade, toda e qualquer ação que produza relações entre museus, instituições culturais, patrimônios e os sujeitos sociais são relações educativas, pelo que oferecem e pelo que não oferecem, pelo que incluem e excluem, pelo que apresentam e ocultam, pelos recortes, escolhas, arranjos, linguagens que contemplam, porque, fundamentalmente, levam os indivíduos a alguma reflexão sobre si mesmos e sobre os outros, e os produzem ativamente. (Stephanou, 2014, p. 15 *apud* Costa, 2016, p. 51).

A *Rivista Infanzia* deixa claro o quanto a educação sobre as artes é um tema caro ao país – e a criança é articulada, nesse contexto, à representação de um sujeito mais sensível às diferentes linguagens artísticas, de um cidadão que valoriza o patrimônio cultural. Assim, a revista expressa sua vontade em contribuir para uma cultura de educar por meio da arte. A respeito dessa vontade, Andrade (2016, p. 23) afirma que:

[...] a ideia de cultura, desde a sua emergência no século XVIII, foi historicamente marcada por uma vontade de que os sujeitos fossem ensinados a se constituir a partir de um ideal proposto por aquilo que era considerado cultura (Andrade, 2016, p. 23).

A criança também assume, segundo a revista, o papel de mediadora entre o museu e os adultos, pois são trazidos dados de que as crianças são, na Itália, o público que mais frequenta museus. Isso faz com que esses espaços recebam pais e professores também – que, por diversas situações, incluindo fatores econômicos, de classe e inclusive de preconceito, acabariam por não frequentá-los, se não fosse o atrativo de levar as crianças. Isso demonstra que, para os italianos, o índice de frequência aos museus ainda é baixo, comparando com o que eles consideram ideal. A *Rivista Infanzia* também aborda o tema das artes e a formação do professor com vista a um profissional que faz um investimento pessoal de conteúdo artístico. Destacamos os dois artigos abaixo para ilustrar como a revista aborda a temática.

Arte e sinestesia.

A séquito di una formazone che ha coinvolto le insegnanti, nasce questo progetto che coinvolge i canali sensoriali (vista, tatto, udito) e i linguaggi artistici

(arte, música, dança) partendo dall'osservazione e dal dialogo dell'opera d'arte. L'esperienza è stata l'occasione per ripensare il laboratorio artistico nella scuola dell'infanzia, riflettendo sulle competenze dell'insegnante nell'ambito del linguaggio artistico.

Parole chiave:

Osservazione, linguaggi, sinestesie, corpo, dança, arte, criatividade, materiali⁵. (Picchi; Sassi; Scaldarella, 2017, p. 293).

La Paura". Formare gli insegnanti attraverso l'arte contemporanea delle donne. L'uso dell'arte contemporanea nella formação degli insegnanti é un dispositivo motivante, e poiché la maggior parte degli studenti che si formano per diventare insegnanti é costituita da donne, conoscere le donne che fanno arte può essere un modo suggestivo per entrare in sintonia nel gioco di emozioni e interpretazioni. É ciò che é avvenuto in un laboratorio legato all'opera di Carmen Calvo, riflettendo sul tema delle paure di essere insegnante.

Parole chiave:

Educação artística, emoções, formação de mestres, arte contemporânea⁶. (Huerta, 2017, p. 288).

Os artigos que a revista publica para tratar do assunto da formação de professores procuram não ser do tipo “como fazer” com as crianças; eles são relatos de experiências nas quais os professores/as são colocados em contato com vivências sensoriais e reflexivas no campo da arte. Essa forma de abordagem vai ao encontro do perfil de professor pesquisador idealizado por Piero Bertolini e também descrito nas “Indicações” italianas (Itália, 2012). A revista reitera constantemente que os professores precisam ter uma relação com a arte e que precisam consumir arte para adultos, não somente

5 Arte e sinestesia

Após uma formação que envolveu professores, nasceu este projeto que envolveu canais sensoriais (visão, toque, audição) e habilidades artísticas (arte, música, dança) a partir da observação e diálogo da obra de arte. A experiência foi a oportunidade de repensar o laboratório artístico na escola da infância, refletindo sobre as habilidades individuais do professor no campo da linguagem artística.

Palavras-chave:

Observação, linguagem, sinestesia, corpo, dança, arte, criatividade, material. (tradução nossa)

6 “Medo.” Formação de professores através da arte contemporânea feminina

O uso da arte contemporânea na formação de professores é um dispositivo motivador e, como a maioria dos estudantes que treinam para se tornar professores são mulheres, conhecer as mulheres que fazem arte pode ser uma maneira sugestiva de se sintonizar com o jogo de emoções e interpretações. Foi o que aconteceu em um laboratório vinculado ao trabalho de Carmen Calvo, refletindo sobre o tema dos medos de ser professora.

Palavras-chave:

Educação artística, emoções, formação de professores, arte contemporânea. (tradução nossa)

conteúdos artísticos para levar para as crianças. Espera-se, através desse investimento pessoal, que os(as) professores(as) possam responder ao que as crianças fazem e que trabalhem com conhecimento e competência o repertório das artes, como podemos perceber a seguir:

Questa sensibilità diventa un elemento importante per l'effetto che produce sulla creatività del bambino. Questa sensibilità lo renderà capace di reagire con sincero entusiasmo a quanto ha fatto il bambino. Una reazione che deve essere sincera.⁷ (Picchi; Sassi; Scaldarella, 2017, p. 293-294).

O excerto a seguir ilustra como a *Rivista Infanzia*, ao trazer artigos sobre as diversas formas de abordar o tema da arte, toma-a como um direito da criança e como possibilidade ampla para que esta possa se expressar, para que possa explorar todo o seu potencial criativo.

In questa prospettiva, l'arte diviene una sorta di lente che permette di vedere gli elementi della vita in modo creativo e divergente indirizzando il proprio agire. In questo agire con l'arte, si definisce il senso dell'arte stessa, che non può essere trasmessa solamente con spiegazioni ma piuttosto deve essere compresa attraverso un percorso attivo e autentico, caratterizzato da interesse e curiosità⁸. (Panciroli, 2017, p. 180).

Os artigos abordam teoria e práticas realizadas em espaços escolares e extraescolares em teatro, dança, pintura, música e instalações, chamando o leitor para ofertar à criança um modo de ser e estar no mundo mediado pela arte. Também convoca os professores leitores a romperem com os modelos educacionais que limitam a criança ao uso de pinturas e desenhos em folhas, tão comuns nas escolas, e a romperem com o limite excessivo do corpo ao proporcionar diferentes oportunidades de expressão corporal e experimentação dos sentidos. A criança é descrita como um sujeito capaz de se relacionar com a arte em seus diferentes desdobramentos, sem a necessidade de “tradução”. Nas imagens abaixo é possível visualizar as crianças interagindo com diferentes linguagens artísticas.

⁷ Essa sensibilidade se torna um elemento importante para o efeito que produz na criatividade da criança. Essa sensibilidade lhe permitirá reagir com sinceridade e entusiasmo pelo que a criança fez. Uma reação que deve ser sincera. (tradução nossa)

⁸ Nessa perspectiva, a arte se torna uma espécie de lente que permite ver os elementos da vida de maneira criativa e divergente, direcionando suas ações. Nesse contato com a arte, define-se o próprio sentido da arte, que não pode ser transmitido apenas com explicações, mas deve ser entendido por um caminho ativo e autêntico, caracterizado por interesse e curiosidade. (tradução nossa)



Figura 3 – Crianças interagindo com diferentes linguagens artísticas (em sentido horário: imagem 1 – p. 188, n. 3/2016; imagem 2 – p. 242, n. 3/2017; imagem 3 – p.227 n. 3/2017; imagem 4 – p.116, n. 2/2016).

Fonte: Imagens escaneadas do acervo pessoal das autoras, 2020.

O editorial da revista número 3 de 2017, intitulado “De que arte estamos falando...?”, enfatiza os aspectos sensoriais ligados às experiências artísticas. Esses aspectos são recorrentes na revista, como podemos perceber no trecho abaixo:

La rivoluzione copernicana, se così si può dire, sul piano psicopedagogico, si deve a John Dewey, a Maria Montessori, a Jean Piaget, che hanno messo al centro il bambino come protagonista attivo della sua formazione (non solo ricettivo, contemplativo), il suo corpo e i suoi sensi come dispositivi essenziali dell'intelligenza, il gioco, l'immaginazione. Un cambiamento radicale del punto di vista per cui l'estetica diventa ciò è nel suo significato originario: *aisthesis*, percepire attraverso la mediazione dei sensi; e sul piano educativo: portare un bambino a dare senso (significato), linguaggio, alle esperienze sensoriali che sono anche, sempre, emozionali⁹. (Pancioli, 2017, p. 177).

⁹ A revolução copernicana, se assim podemos dizer, no nível psicopedagógico, deve-se a John Dewey, Maria Montessori e Jean Piaget, que colocaram a criança no centro como protagonista ativa de sua educação (não apenas receptiva, contemplativa), com seu corpo e sentidos como dispositivos essenciais de inteligência, brincadeira, imaginação. Foi uma mudança radical no ponto de vista para o qual a estética se torna o seu significado original, *aisthesis*, promovendo a sua percepção através da mediação dos sentidos; e no nível educacional, levando a criança a dar sentido (significado), linguagem, a experiências sensoriais que também são, sempre, emocionais. (tradução nossa)

Desse modo, a arte contempla o aprender fazendo o que é reiterado pela revista como o ideal para a criança e precisa estar sempre associada à experiência, contrariando uma concepção de arte contemplativa. Os teóricos Dewey, Montessori e Piaget são citados como colaboradores e revolucionários para esta perspectiva por colocarem a criança no centro das aprendizagens.

Um ensino transmissivo de conteúdo, em que o adulto transfere à criança conceitos e conhecimentos privilegiando a linguagem da palavra, não obteria êxito em tornar a criança próxima da arte. É necessário envolvê-la pelos sentidos em experiências concretas que façam sentido para ela, pois sentindo prazer e motivação a criança aprende.

Estabelecendo uma relação mais ampla entre a arte e a educação, em linhas gerais, a *Rivista Infanzia*, em diferentes artigos, traz uma visão crítica ao ensino que favorece as habilidades cognitivas em detrimento das habilidades emocionais. Aponta que esta é uma tendência na atualidade, o que contribui para o declínio na moralidade na sociedade moderna.

A criança, representada aqui como um cidadão, ao receber uma educação equilibrada nos dois aspectos, ao se tornar adulto, tenderá a tomar decisões mais equilibradas com compromisso emocional, o que favorece uma cultura da paz.

As possibilidades expressivas da arte são tomadas aqui como um terreno fértil para educação da primeira infância, por estarem de acordo com as características que são apontadas como próprias da criança, como: expressar pensamentos e emoções com imaginação e criatividade, usar o corpo como ferramenta para aprender e possuir um pensamento divergente. O excerto a seguir exemplifica um pouco de como essa ideia é exposta pela revista:

É qui che le arti diventano del formidabili contenitori di esperienze per l'infanzia, non perché si pensi che il bambino é «artista» (non lo è), ma perché é artefice: la sua «arte» è quella del suo fisiológico bisogno di essere attivo, del fare-distare-rifare, del chiedere perché, dell'esprimere con il próprio corpo in movimento, com le proprie mani, istanze non altrimenti esprimibili, persino creative¹⁰. (Panciroli, 2017, p. 177).

Considerações finais:

Os artigos analisados fazem referência às “Indicações nacionais para o currículo da escola da infância e do primeiro ciclo de instrução” (Itália, 2012), retratando as

¹⁰ É aqui que as artes se tornam formidáveis recipientes de experiências para a infância, não porque pensamos que a criança é um «artista» (não é), mas porque é um criador: sua «arte» é a sua necessidade fisiológica de ser ativo, fazer-desfazerrefazer, perguntar por quê, expressar-se com o corpo em movimento, com as mãos, instâncias não expressáveis de outra forma, por ser criativo. (tradução nossa).

concepções pedagógicas presentes nesse recorte temporal. Importante lembrar que tais indicações inspiraram documentos elaborados no contexto brasileiro e voltados para o modo como podemos pensar e propor um currículo para e na Educação Infantil, tal como a Base Nacional Comum Curricular (2017). Sendo assim, as discussões e as análises empreendidas neste artigo auxiliam a (re)pensarmos a forma como, também no Brasil, podemos atribuir maior espaço para propostas desenvolvidas junto às crianças no campo das Artes e das Artes Visuais.

Através do que foi exposto, é possível perceber que a *Rivista Infanzia* vem incentivando um grande investimento nas diversas linguagens artísticas, uma interlocução entre a escola e os demais ambientes culturais da cidade e uma educação em que a sensorialidade e a estética representem uma forma particular de ver o mundo, por entender que a arte dialoga com os modos como as crianças aprendem. A respeito de tal investimento, Camozzato (2014, p. 193) pondera que:

[...] age-se no tempo presente com vista à obtenção de retornos no futuro. Porém um futuro planejado e arquitetado para corresponder aos investimentos realizados sobre as crianças e os jovens. Nesse caso trata-se de potencializar o capital humano, ou seja, os investimentos feitos sobre os sujeitos (Camozzato, 2014, p. 193).

Esse investimento na aprendizagem mediada pela arte na Educação Infantil parece ter como objetivos formar cidadãos mais sensíveis às diferentes linguagens artísticas e que conheça e zele pelo patrimônio cultural. Para finalizar, reiteramos que, como procuramos mostrar ao longo do artigo, as situações descritas representaram muitas vezes as crianças desempenhando papéis que envolviam autonomia e participação.

Referências:

ALMEIDA, Vanessa da Silva. Base Nacional Comum Curricular: o que diz sobre modos de ser criança na educação infantil? 108 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2019. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM277.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

ANDRADE, Paula Deporte de. A invenção das pedagogias culturais. *In*: CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais**: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade. Curitiba: Appris, 2016. p. 19-32.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n.34, p. 48-63, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501/1140>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 abr. 2020.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.

COSTA, Nathalia Santos. **Representações e Pedagogias Culturais do patrimônio cultural de Porto Alegre no projeto de ação educativa “caixa de memórias POA**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2016. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM277.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; WERLE, Bibiana. Jogos, patrimônio cultural e ensino de história. **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 31, p. 697-708, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/17591>. Acesso em: 07 dez. 2020.

GIROUX, Henry. Doing Cultural Studies: you thand the challenge of pedagogy. **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 64, n. 3, p. 278-308, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.17763/haer.64.3.u27566k67qq70564>. Acesso em: 05abr. 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis; Vozes, 2000.

HALL, Stuart. The Work of Representation. *In*: HALL, Stuart (ed.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1997. p. 13-69.

HUERTA, Ricard. “La paura”. Formare gli insegnanti attraverso l’ arte contemporanea delle donne. **Infanzia: Rivista Università di Bologna**, Bologna, n. 4, p. 288-292, otto/dic, 2017.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. *In*: SILVA, Tomaz T. da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ITÁLIA. Ministério da Educação, Universidade e Pesquisa. **Indicações Nacionais para o Currículo da Escola da Infância e do Primeiro Ciclo de Instrução**. Itália: MIUR, 2012.

LIMA, Renato Rodrigues. Museus e patrimônio cultural no ensino de história. **Museologia e interdisciplinaridade**, Brasília, DF, v.4, n. 8, p. 274-278, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17181>. Acesso em: 07 dez. 2020.

PANCIROLI, Chiara. Il diritto di educare all'arte. **Infanzia**: Rivista Università di Bologna, Bologna, n. 3, p. 179-185, luglio./sett., 2017.

PICCHI, Martina; SASSI, Serena; SCALDARELLA, Federica. Arte e sinestesia. **Infanzia**: Rivista Università di Bologna, Bologna, n. 4, p. 293-296, otto./dic, 2017.

RUSSO, Veronica. Bambini e famiglie al museo: percorsi educativi tra scuola ed extrascuola. **Infanzia**: Rivista Università di Bologna, Bologna, n. 3, p. 204-205, magg./giugno, 2016.

RUSSO, Veronica. Esperienze artistiche nella prima infanzia: uno sguardo su contesti, professionalità e strategie didattiche. **Infanzia**: Rivista Università di Bologna, Bologna, n. 3, p. 338-346, magg./giugno, 2017.

SEVERO, Carolina da Silva. **Infâncias on-line**: uma análise sobre as representações de crianças e infâncias no site Catraquinha. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Luterana do Brasil, Canoas 2018. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM257.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

SILVA. Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis; Vozes, 2000.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (org.). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Tradução de George Eduardo JapiassúBricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TREND, David. **Cultural Pedagogy**: arts, education, politics. New York: Bergin&Garvey, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma questão conceitual. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.